

## Prólogo

O menino não conseguia se concentrar num mesmo ponto. Ele secava a louça atrás do balcão desviando constantemente os olhos para a porta da taberna, torcendo para que o velho historiador aparecesse trazendo embaixo do braço um livro com a continuação daquela história. Até mesmo o seu pai, que servia as mesas, ficou ansioso ao perceber o nervosismo do filho. Fazia quatro dias que o velho não vinha. Um fato que causava estranheza, pois, em geral, não se passava uma noite sequer sem que chegasse agarrado num cajado.

O clima no vilarejo estava estranho nos últimos dias. Uma onda de frio havia chegado fora de época, fazendo com que os frequentadores da taberna chegassem todos enrolados em capas grossas ou pele de animais.

— Talvez ele não saia quando faz frio. — matutou.

Com toda a louça seca, não lhe restava mais o que fazer, então, cabisbaixo, o menino desviou do pai, que servia vinho a um cliente, e subiu a escada para o segundo andar.

— Nada? — indagou a irmã quando o viu chegando ao quarto que dividiam.

Ele balançou a cabeça deitando na cama para dormir.

— Amanhã ele virá. — ela tentou animá-lo.

O menino esboçou um falso sorriso soprando a vela que iluminava o quarto.

Uma melodia constante e ritmada que veio de fora foi que o despertou na manhã seguinte. Ele levantou esfregando os olhos e abriu uma fresta na cortina de estopa espiando os arredores. Havia um flautista sentado na carroça de feno bem ao lado da taberna. Era um homem magro de cabelo curto que ao vê-lo abanou chamando a atenção.

Apesar da desconfiança, não demorou muito para que a curiosidade do menino o fizesse caminhar até a porta. Esperando não acordar a irmã, abaixou o trinco com cuidado e

forçou-a para cima, para que não raspasse no chão. Com os pés descalços nas tábuas frias, desceu e saiu sem dar explicações.

— Bom dia. — o flautista interrompeu a melodia para cumprimentá-lo e logo começou a tocar de novo.

— Bom dia. — ele respondeu encabulado.

Por alguns segundos o homem continuou soprando a flauta, mas quando uma brisa fria quase fez com seu chapéu de pano voasse da cabeça, ele parou, colocando uma mão na cabeça para segurá-lo, e a outra no bolso da calça de onde tirou um bilhete.

— Um velho me deu quatro moedas de ouro para que eu trouxesse o bilhete até você. — o homem explicou. — Você é o filho do dono da taberna, certo? — ele conferiu se estava entregando para a pessoa certa.

— Quatro moedas? — o menino ficou de queixo caído.

— Deve ser algo importante. — o flautista deu de ombros, sabendo que era um pagamento alto. — Você é o menino da taberna? — repetiu.

— Sou! — respondeu animado abrindo o bilhete enquanto o outro virou as costas e caminhou pela estrada.

Ao terminar de ler, seus olhos brilharam. Era um recado do velho historiador dizendo que estaria na taberna naquela noite. Com o pé escorado na roda da carroça, viu a irmã espiando pela janela. Sem hesitar, se pôs a correr de volta ao quarto para contar a novidade.

— Eu sabia que ele viria hoje. — a menina comemorou. — Aposto que no fim das contas Ily não morreu. — aquilo estava mais para torcida do que para certeza.

Talvez aquela tenha sido a tarde mais longa que os dois já tivessem vivido. Quando o sol encoberto finalmente escondeu-se atrás dos montes, eles estavam postados em seus lugares na taberna, aguardando com ânsia a chegada do velho. A menina eventualmente levantava da escada observando se por

ventura ele já não estivesse sentado na mesa do canto.

Passava pouco das oito horas e o lugar estava abarrotado de clientes conversando alto, mas nada do historiador.

— Ele não virá. — a menina cochichou olhando para o irmão lá longe, atrás do balcão. Ele teve que ler seus lábios para compreender.

De repente, a porta rangeu e um estranho entrou. Era um homem alto e corpulento que vestia uma manta de linho e nunca havia estado ali. As botas que calçava faziam barulho no chão de madeira, e sua feição era de poucos amigos. Ele caminhou com passos calculados até o balcão e trocou algumas palavras com o pai dos irmãos.

— Vamos. — a voz grossa do estranho dirigiu-se ao menino, que olhou amedrontado para o pai.

— Você não queria saber como terminava a história? — o pai indagou, deixando-o mais tranquilo. — Ele vai levá-los até o velho historiador.

O menino ergueu as sobrelanceias e chamou a irmã.

Havia dois cavalos peludos amarrados do lado de fora. No lombo de um deles estava outro homem esperando.

Alguns minutos de cavalgada por entre as árvores da floresta bastaram para que chegassem a uma clareira. Os cavalos foram amarrados em uma corda pendurada entre duas árvores, e havia uma fogueira acesa num pequeno círculo de pedras há alguns metros de uma cabana abandonada.

O velho historiador estava sentado em um galho de madeira morta ao lado do fogo, e ainda havia mais três homens, vestindo as mesmas roupas daqueles que foram pegá-los na taberna, virados de costas um pouco mais distantes.

— São guardas do castelo. — o juvenzinho cochichou pegando na mão da irmã e caminhando para o centro da clareira. Não havia desconfiança em seus olhos.

— Finalmente chegaram! — o velho comemorou ao vê-los. — Venham! Aqui perto da fogueira não faz tanto frio.

Sentados no mesmo tronco com as mãos perto das labaredas, os irmãos logo perguntaram sobre sua ausência nos últimos dias.

— Tenho estado muito ocupado. — balbuciou.

— Dormindo? — a menina claramente insinuou que o velho não fazia outra coisa.

— Bem, dormindo também. — ele gargalhou soltando fumaça do cachimbo de ervas. — O que acharam da história?

— Pff! — a menina soltou ar por entre os lábios. — Ily não morreu de verdade, não é?

— Claro que morreu. — o irmão interrompeu. — Talvez Avalon, que era um grande guerreiro, tenha se salvado.

— É... Talvez. — ela concordou. — Mas e Ily?

— Você só se importa com Ily? — o velho sorriu sem mostrar os dentes e tragou o cachimbo. Dizer aquele nome fez com que seus olhos ficassem avermelhados.

Havia uma brisa leve empurrando o gramado alto que formava a clareira. O céu pouco estrelado não aparentava que derramaria água tão cedo, por isso o velho esticou as pernas e pediu que os irmãos se acomodassem.

— Sei que faz pouco tempo que não faço isso. — disse. — Mas já estou com saudade de ler para alguém

Fez sinal para que um dos guardas trouxesse outro livro grosso que estava na sacola pendurada num dos cavalos.

— Prontos para saber o resto da história?

Ambos fizeram sinal positivo com a cabeça.

— Então vamos lá. — o velho acomodou o cachimbo no galho de modo que não apagasse e abriu o livro.